




CARTAS DA PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS DE CONSTITUIÇÃO DE MEMÓRIA VIVA

PANDEMIC LETTERS: EXPERIENCES OF LIVING MEMORYCONSTITUTION

Submissão:
15/07/2024
Aceite:
23/10/2024

Lara de Oliveira Moreira ¹  <https://orcid.org/0009-0003-1567-1966>
Thais Florencio de Aguiar ²  <https://orcid.org/0000-0002-7951-7920>
Daniela Xavier Haj Mussi ³  <https://orcid.org/0000-0002-5845-0317>

Resumo

O artigo apresenta os resultados do projeto de extensão “Cartas da Pandemia: o relato e a troca entre experiências vividas na crise atual como forma de solidariedade”. Ele consistiu na troca anônima de mais de duas centenas de correspondências entre remetentes e destinatários solidários em meados de 2020 e 2021, momentos distintos da pandemia de Covid-19, durante cursos virtuais oferecidos pela Rede Emancipa de educação popular. As cartas refletem o contexto das mazelas pandêmicas, marcado por contágio viral, desestímulo ao isolamento social, falta generalizada de redes de apoio e precariedade de políticas públicas que constituíram dispositivos necropolíticos empregados pelo governo de extrema-direita. As correspondências catalogam atos de “escrevivências” (C. Evaristo, 2020) e recursos de escuta, comunicação, sociabilidade e cuidado complementares a medidas terapêuticas. Assim, conformam uma memória social viva em suporte a narrativas de consciência histórica, a partir de relatos críticos, em dissonância com os discursos negacionistas oficiais.

Palavras-chave: Cartas; Pandemia de Covid-19; Memória social viva; Escrevivências; Saúde mental.

¹ Aluna de Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ laradeoliveiramoreiraa@gmail.com

² Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ thaisaguiar@gmail.com

³ Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ danixhm@gmail.com

Abstract

The article presents the results of the university outreach project “Pandemic Letters: the report and exchange of experiences during the current crisis as a way of solidarity”. It consisted in the anonymous exchange of more than two hundred letters between sympathetic senders and recipients in the mid-2020 and 2021, distinct moments of the Covid-19 Pandemic, during virtual courses offered by Rede Emancipa de Educação (Popular Education Network). The letters depict the context of the pandemic ailments, marked by viral contamination, discouragement to the social isolation, generalized lack of support networks, and precariousness of public policies, which constituted necropolitical devices used by the far-right government. The correspondence catalogs “live-writing” acts (freely translated concept of “escrevivências” by C. Evaristo, 2020) and resources of listening, communication, sociability and complementary cares to therapeutic measures. Therefore, it builds a living social memory in support of narratives of historical consciousness from critical reports, thus opposing the official denialism speech.

Keywords: Letters; Covid-19 Pandemic; Social living memory; Live-Writing; Mental health.

Introdução

O Brasil constituiu um caso dramático de gestão da pandemia de Covid-19, sob o comando de um governo de extrema-direita com ênfase neoliberal. Embora não seja o único caso - destacam-se, no mesmo período, Donald Trump nos Estados Unidos, Viktor Orbán na Hungria e Narendra Modi na Índia - o país revela a experiência vivenciada por uma grande população situada no contexto latino-americano. Sob o comando do presidente Jair Bolsonaro, o país alcançou o segundo lugar no mundo em número de mortes por Covid-19, atrás apenas dos Estados Unidos (Sampaio, 2021). O período pandêmico foi marcado, do início ao fim, pelos discursos bolsonaristas de cunho negacionista em termos científicos, que priorizavam o incremento dos índices econômicos em detrimento de critérios sanitários que contivessem as altas taxas de mortalidade pandêmica.

Diante da precariedade ou escassez de políticas públicas e redes de apoio federais, os indivíduos tiveram que recorrer a medidas de governos locais, de movimentos sociais ou mesmo de familiares. O projeto Cartas da Pandemia surge mobilizado por esse contexto, durante o desenvolvimento do curso “Entender o mundo hoje: pandemia e periferias”, realizado entre maio e julho de 2020, de modo online, pela Rede Emancipa de Educação Popular, em parceria com a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade de São Paulo (USP).

Durante as aulas virtuais desse curso, com mais de 20 mil pessoas inscritas e transmissão pelo YouTube, os participantes eram incentivados a escrever cartas contando sobre suas vidas na pandemia. Sugeriu-se que, por e-mail, as pessoas relatassem suas condições de isolamento social (ou não isolamento), bem como expressassem suas sensações e sentimentos de maneira livre, a fim de construir um mural público no curso.

Gradativamente, porém, pensando nas oportunidades de trocas que esses e-mails poderiam ge-

rar, a iniciativa tomou outro formato: o de cartas. Uma vez recebidas, a equipe as arquivou, tornando a autoria anônima (identificadas somente pelas iniciais), e realizou, posteriormente, uma chamada entre os cursistas para a inscrição de “destinatários solidários”. Eles se prontificavam a responder as correspondências, de forma igualmente anônima. Iniciou-se, assim, o trabalho de construção de uma geografia virtual afetiva pela escrita da própria vivência.

Para tanto, foi divulgado de forma virtual um formulário de inscrições aos participantes do curso via redes sociais. A demanda pela troca de vivências sindêmicas foi tamanha que, em apenas três dias, foi necessário encerrar o recebimento de inscrições, que já superavam 200. Já em 2021, o modelo virtual de troca de cartas anônimas se repetiu, porém com algumas diferenças: a Rede Emancipa formou parcerias com dezenas de universidades (inclusive estrangeiras) para um novo curso, denominado “Saúde Coletiva e Periferias”, no âmbito do qual foi realizado um segundo ciclo de troca de cartas, também divulgado nas redes sociais. Uma equipe multidisciplinar, composta em sua maioria por integrantes do projeto Informa SUS (UFSCAR) e por professoras e estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - dos cursos de medicina, psicologia, ciências sociais, relações internacionais, serviço social, dentre outros -, trabalhou na execução da recepção das cartas, troca de correspondências e organização do arquivo.

Ao todo, foram contabilizadas 67 trocas de cartas em 2020, somando 134 cartas de remetentes e destinatários solidários; já em 2021, foram contabilizadas 65 trocas de cartas, somando 130 cartas de remetentes e destinatários solidários. Recebemos, ao longo desses dois anos, cartas em português brasileiro, escritas principalmente no país, mas também fora dele. As cartas foram redigidas predominantemente em formato de prosa, mas também incluem poesias. Para o arquivamento dessas correspondências, foram criadas duas planilhas, uma para cada ano, com os respectivos documentos e perfis traçados, como será melhor explicado futuramente.

Nessa ocasião, em 2021, o projeto Cartas da Pandemia se efetiva como ação de extensão na UFRJ. Ao longo de 2022, com o arrefecimento da pandemia no Brasil, o projeto inicia a etapa de análise, estudo e produção de materiais a respeito das cartas¹, estimulando o “exercício do olhar, de voltar aos passos dados para ver o que não foi visto, ver outra vez o que já se viu para recomeçar” (Vieira, 2020, p.8).

Ademais, a respeito do público participante, é mister considerá-lo de forma situada e territorializada. Em um primeiro aspecto, as cartas foram escritas — ou, ao menos, enviadas — por meios tecnológicos, como computadores e celulares, com acesso a e-mail e outras redes sociais (principalmente nas inserções do curso transmitido pelo YouTube), tanto por pessoas alfabetizadas com distintos níveis de letramento quanto por profissionais com formação superior. Foi proporcionado aos escritores um papel de carta virtual, em verde claro, a fim de que a experiência, de fato, se assemelhasse o máximo possível a uma carta física.

Apesar do pequeno universo da amostra, o trabalho de análise das cartas buscou identificar as diferentes formas e intensidades que afetaram os correspondentes em seus contextos sociais, em consonância com a ideia não só de pandemia, como também de sindemia, qual seja, a de que ocorreu uma interação entre duas ou mais doenças de natureza epidêmica nessa ocasião.

¹ O projeto de extensão realizou diversas produções sobre o conteúdo das cartas; porém, considerando o teor deste artigo, as atividades não serão aqui abordadas a fundo. Foram elas: o site <http://www.cartasdapandemia.com.br/>, que acolhe todas as cartas de 2020 e de 2021, bem como as ilustrações que fizemos e recolhemos; o Instagram <https://www.instagram.com/cartasdapandemiaufrj/>, para melhor divulgar e comunicar a respeito do projeto; duas apresentações com menções honrosas nas Semanas de Integração Acadêmica da UFRJ (SIAC), em 2022 e em 2023; e uma apresentação na 16ª Mostra Regional de Práticas em Psicologia do Rio de Janeiro, em 2023.

Como explicam Junior e Santos (2021, p. 2), os efeitos sobre a população podem ser potencializados em função dos contextos social, econômico e ambiental, ocasionando com que as várias doenças “se agrupem desproporcionalmente” em função de condições como “pobreza, exclusão social, estigmatização, violência estrutural, problemas ambientais” etc. É primordial considerar, portanto, que os efeitos da pandemia foram diferentes a depender da situação social, prejudicando em maior peso determinados segmentos sociais e profissionais.

Após essa contextualização inicial, adentremos, portanto, no conteúdo das cartas em si e nas suas repercussões temáticas. Na seção “Metodologia: o estudo e a análise das cartas por eixos temáticos”, apresenta-se uma classificação criada para identificar os tipos mais recorrentes de cartas, que são as Cartas Desabafo, Cartas Manifesto e Cartas Consolo, situando a tônica das correspondências e destacando o teor crítico da política negacionista.

Na seção “Resultados, discussões e ramificações das correspondências”, discutem-se conteúdos específicos encontrados nas cartas, que dialogam com os dados objetivos da realidade pandêmica brasileira, expressando temas diferenciados que são interpretados sob alguns marcos teóricos, como o da formulação da escrita como escrevivência, o gênero epistolar como forma de contar sobre si e os modos de constituição de memória social (a exemplo da ditadura).

Por último, sintetizam-se aspectos positivos e negativos da execução do projeto no que tange aos resultados do mapeamento de expressões de subjetividades e de relatos de experiências que subsidiam a constituição de uma memória social pandêmica.

Metodologia: O estudo e a análise das cartas por eixos temáticos

Como o projeto trabalhou com tantos afetos, demandas, gritos, dores e abraços virtuais? Para lidar com essas catarses, a equipe realizou leituras coletivas e em voz alta de algumas cartas, a fim de identificar, sentir e trabalhar conjuntamente os sentimentos, registros e conteúdos vividos e transmitidos. A leitura era feita por meio de rodízio: uma participante da equipe lia uma carta e, em seguida, outra companheira lia a carta resposta. Por meio de uma planilha, eram registradas notas relativas ao que se captava quanto ao perfil do(a) autor(a), bem como ao perfil da correspondência em si, sendo a autoria anônima para a equipe.

A partir disso, foram criadas duas planilhas, uma para cada ano de troca de cartas. Nelas, ao lado das cartas disponibilizadas, foi registrado o resultado do mapeamento das informações mais relevantes — sejam elas objetivas/descriptivas, como gênero, raça e etnia, idade e região geográfica; sejam elas subjetivas, como “solidão”, “insegurança” e “saudosismo”. Com isso, todo o conteúdo recebido passou a ser mais palpável e visível, bem como passível de manuseio. Além da leitura, eram feitos comentários sobre as impressões e dificuldades da equipe.

Desse modo, construiu-se não somente uma experiência imersiva no passado recente, mas também foram detectados padrões nos relatos e identificadas as ressonâncias e discordâncias nas impressões. Esse modo de trabalho foi muito importante para a equipe, pois favoreceu a apropriação, com a devida atenção, de todas as vivências recebidas e vividas. Doravante, foram formuladas três classificações para as cartas recebidas, agrupadas por similaridades de afetos e desejos expressos pelos correspondentes: “Carta Desabafo”, “Carta Consolo” e “Carta Manifesto”. Normalmente, a carta do remetente ardia na urgência de desabafar ao desconhecido. São cartas que, sufocadas pela pandemia, pela quarentena, pelos medos, pela raiva e pela solidão, buscam afago, acolhimento e escuta.

Estas são as “Cartas Desabafo”. Muitas vezes, elas ditavam o tom das cartas dos destinatários que, em ato solidário, consolidavam uma rede de escrita, de suporte, de abraço, de apoio, constituindo, em suas respostas, as “Cartas Consolo”. Para tanto, muitas sugeriam “medidas terapêuticas” (R.T.L., 2021²), que serão melhor tratadas mais adiante. Seguem ilustrações da “Carta Desabafo”:

Meu casamento acabou e ao mesmo tempo fui obrigada a conviver com meu ex na mesma casa, às vezes discutimos e meus filhos presenciam, eu não tenho um ambiente tranquilo para estudar e assistir as aulas, eu não tenho apoio psicológico, a pandemia trouxe grandes desafios e novas vivências que eu não esperava, eu me sinto tão sem perspectiva, as minhas incertezas me abalam psicologicamente e sinceramente não sei o que fazer [...] Desculpe o desabafo, mas me sinto sozinha e vocês foram os primeiros a quererem saber sobre como nós sentimos, eu me sinto esquecida, já não basta as violências que passo devido a cor da minha pele e condição social, tenho ainda que lidar com isso sem apoio e sem um canal que me dê suporte. A pandemia tem sido um desafio e na realidade seria importante que alguém nos acolhesse, pois manter a saúde mental está difícil, no dia de hoje o médico me receitou um calmante, pois o estresse já começou a afetar minha saúde. Agradeço a oportunidade de poder externar esse sentimento, foi muito bom. (D.A.A., 2021)

Estou no fio da navalha e me sentindo estúpida por ter escolhido uma profissão que perde valor a cada mudança de governo³. Incompetente de não poder assegurar uma velhice tranquila aos meus pais e preocupada com um futuro incerto. (A., 2020)

Apesar de escritas em anos distintos, é visível o mal-estar generalizado no período pandêmico brasileiro, assolado sobretudo por uma gestão necropolítica (MBEMBE, 2016), presente no Estado, na economia capitalista neoliberalista e nas micropolíticas do cotidiano.

Segundo Mbembe (2016), a necropolítica é o exercício de um poder soberano, ditante de quem pode viver e de quem deve morrer, controlando a mortalidade e definido a vida como mais um modo de implantar e manifestar poder, conceito esse que será discutido mais à frente. Por meio do desabafo, o autor anônimo pede pela escuta empática, pelo reconhecimento das suas dores, pela comunhão das suas lutas; demanda, assim, a resposta da “Carta Consolo”:

Em isolamento os sentimentos de tédio, solidão e tristeza podem se intensificar. As minhas sugestões compassivas para você são: Ter autocompaixão, prestar atenção ao que está acontecendo consigo, reconhecer que está sofrendo e ser um amigo gentil para si. Exercite a respiração lenta e profunda (procure no Youtube) porque promove o relaxamento. Pratique atividades que lhe deixem feliz. Leia o seu autor preferido, ouça suas bandas preferidas, prepare e saboreie aquela comidinha que você adora. Mantenha sua rede socioafetiva ativa. Precisamos manter o distanciamento físico. Mas, isolamento social, não.” (R.P.B.G., 2021)

A verdade é que os desejos são como vibrações positivas e é essa energia que gostaria de te enviar. (M.V., 2021)

Espero que você esteja bem, na medida do que bem possa significar, agora. (I.C.S., 2021)

Visualiza-se, assim, a construção de rede de apoio, escuta e afeto consolidada com o acolhimento das “Cartas Consolo”, proponentes de medidas terapêuticas em prol do bem-estar do outro anônimo.

² Termo sugerido por uma das correspondentes anônimas.

³ Trata-se do relato de uma profissional da saúde pública.

Além desses eixos, há a “Carta Manifesto”, que também os permeia. Trata-se da urgência, da raiva, da insatisfação, da indignação das vozes silenciadas; trata-se da dor, da agonia, da esperança. Nelas, presentifica-se a potência política de mudança, uma vez que são constantes as denúncias ao governo de Jair Bolsonaro, presidente do Brasil de 2019 a 2022, permeado por políticas necropolíticas e negacionistas. Foram frequentes, nesses quatro anos de governo, falas e medidas que negavam a ciência, a crise ambiental e a crise da saúde, desmantelando políticas públicas em prol de ações pseudocientíficas. Um grande instrumento desse governo foi o uso soberano das *fake news*, as quais, segundo Marcelo Moraes, representam as crenças de quem as difunde, difamando determinados alvos em busca de desinformar e iludir as massas para alcançar determinado objetivo, financeiro e/ou ideológico. Elas fabricaram notícias jornalísticas sem bases factuais, manipularam imagens falsas e construíram uma forte propaganda ideológica de um “mito” que “salvaria” o país (2022). Pensando nisso, apresentam-se, a seguir, algumas dessas vozes manifestantes.

Sabemos que essas mortes têm endereço certo, pois estão morrendo, em sua maioria, pessoas pobres e pretas que vivem em periferias e pessoas que trabalham diretamente com a área da saúde, como médicos/as, enfermeiros/as etc. O risco de morte que, em princípio, era maior para pessoas mais velhas e com comorbidades (doenças consideradas de risco), hoje são essas e mais as pessoas que estão sem condições econômicas de fazer a quarentena e as pessoas que moram nas periferias. Isso porque as pessoas que têm mais condições financeiras e bons planos de saúde conseguem ter um atendimento mais eficiente em relação àquelas que não os têm. Isso está muito difícil porque estão morrendo as pessoas pobres e pretas porque a pobreza no Brasil tem cor. (C.R.A., 2020).

Nesse relato, C.R.A. denuncia as sindemias vividas no Brasil durante a pandemia: as pessoas pobres, periféricas e negras são as mais afetadas pela crise. Ao considerar que o país ainda repete heranças de colonialidade, pela manutenção do racismo estrutural, infelizmente não é surpresa denotar que os principais afetados pela necropolítica são justamente negros (Evangelista, 2023).

Eu assistia, e continuo assistindo, em minha rotina, a luta constante pela vida, um trabalho árduo contraposto pelo descaso, negligência, ignorância e anti-ciência por parte do governo federal. Para mim, tem sido muito difícil cada palavra dita pelo presidente da República. Observar sua má gerência, má fé, seu pouco compromisso em seguir as recomendações das organizações sanitárias internacionais, garantir vacinas e evitar mortes. [...] Para mim, isso tem sido quase enlouquecedor. Confesso que cansei. Não exatamente da luta ou dos pacientes. Mas de tentar defender o óbvio, de justificar o distanciamento físico (porque não precisa ser o social, temos como estar unidos de maneira virtual) e a importância da luta pelo coletivo. Aqui fica meu relato. Um misto de revolta, dor e tristeza. Ainda tenho esperança, aprendi que não é possível viver sem ela. A esperança não pode morrer junto com essa pandemia. [...] Vou seguir defendendo a vida, em toda sua manifestação, o direito à saúde e educação, para que não tenhamos, nunca mais, um presidente, eleito pela população, que opere contra direitos fundamentais. (A.C.P.T., 2021)

O relato de A.C.P.T. escancara a realidade de uma profissional da saúde pública no Brasil durante a pandemia. Nesse contexto, o presidente atuou de forma negacionista ao combate do coronavírus, estimulando o uso de medicamentos como cloroquina e hidroxicloroquina, e rejeitando o isolamento social como a melhor forma de diminuir a circulação do vírus, ambas contra recomendações ao que

a Organização Mundial da Saúde (OMS) e outras instituições científicas tinham comprovado pela ciência. Não foi à toa que, em meio a tantas contradições institucionais, o Ministério da Saúde passou por quatro ministros distintos durante o período tratado (Motta, 2021).

Não tem jeito, tiraram tudo de nós, aliás, quase tudo, o que ficou foi a voz, pode a voz fazer alguma coisa? Pode a voz ser instrumento para a revolução? Pode a voz alcançar mudança ou solução? Se não acreditasse nisso, não vivia. Se não acreditasse nisso, não falava. Se não acreditasse nisso, não escrevia, escrevo porque preciso, e através disso resisto. Que minha voz ecoe onde não há esperança, que minha voz seja a semente da mudança. (A.L.F., 2021)

Aqui, A.L.F. ilustra claramente a potência da “Carta Manifesto”, força motriz do projeto “Cartas da Pandemia”: trata-se de um documento memorialístico, que registra, combate e denuncia a importância da escrita compartilhada em um período de tanto isolamento.

Ao unir múltiplas vozes, o site do projeto combate o perigo de uma história única, que seja resumida, pelos órgãos federativos e de saúde, ao número de mortes do período pandêmico. “Mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (Adichie, 2019, p.12): o Brasil é um país restrito a mais de 700 mil mortos, a vítimas da necropolítica e da crise de saúde global? Ou também é um país de potência, produtor de relatos e memórias reflexivos de tempos e experiências singulares e, ao mesmo tempo, experimentais para o mundo? Como a história de 2020 e de 2021 é contada? Quem a conta? Quando é contada? E quantas são contadas?

Com base nas trocas das cartas, constrói-se, portanto, uma memória social e coletiva do país no contexto pandêmico. Trata-se de um projeto importante, ao considerarmos a história do Brasil, atingido pelo regime civil-militar, com políticas públicas contraditórias na preservação de memória, pela Comissão da Verdade (2012)⁴, e pela Lei da Anistia (1979)⁵: possui um histórico divergente de processos mnêmicos de subjetivação. Teles (2020) averigua que a memória, portanto, é estratégia tecnológica presente em uma luta de forças, uma disputa por espaço e partilha de tempos vividos. No contexto atual, em meio a *fake news* e a um número incessante de informações, a cultura memorialística brasileira vive distorções, hipertrofias e, sobretudo, o esquecimento (Ciclo de Humanidades 2023).

Diante de tantos obstáculos, como ainda ecoar a voz de A.L.F.? O projeto Cartas da Pandemia promove a publicização de todas essas experiências narradas, entendidas como atos éticos, políticos e memorialísticos, “um passado que se presentifica através da narrativa e nos coloca a olhar para esse presente-futuro com os olhos do viajante, que volta para trilhar caminhos novos. Ao lado dos seus outros. Viajante e paisagens que se modificam, mutuamente” (Vieira, 2020, p.126).

A aposta no gênero epistolar foi, dentre vários fatores, a melhor maneira encontrada de trocar afetos e vivências de vulnerabilidades de forma ainda virtual, mas também anônima e, de alguma forma, especial e nova, não repetindo os formatos comuns do dia a dia. Pela sua proximidade nostálgica

⁴ Trata-se de um colegiado instituído pelo governo brasileiro, durante a posse da presidenta Dilma Rousseff, com a finalidade de investigar e apurar as graves violações de direitos humanos ocorridas durante a Ditadura Civil Militar, entre 18 de setembro de 1964 e 5 de outubro de 1988 (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, 2012).

⁵ Trata-se de lei sancionada pelo presidente João Batista Figueiredo, ainda durante a Ditadura Civil Militar, a fim de conceder anistia a todos aqueles que, durante 2 de setembro de 1964 e 15 de agosto de 1979, cometeram ou foram conexos a crimes políticos. A medida beneficiou, assim, os servidores da Administração Direta e Indireta e das fundações ligadas ao poder público; os servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações ligadas ao poder público; os servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário; os militares; e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos nos Atos Institucionais e Complementares (Brasil, 1979).

(o ato de escrever e trocar correspondências), certos relatos expressam um saudosismo reconfortante a respeito da dura e indigerível realidade; trata-se de um gênero que nos foge, porque, como pontua Juliana Vieira, a carta pertence a “um tempo que é passado-presente-futuro, nessa ou em outra (des) ordem” (2021, p.4). Ela fixa a memória do que foi dito.

Além disso, por meio da sua força de pessoalidade, diálogo e distinto modo de comunicação, Vieira (2021) revela lugares físicos e afetivos entre quem escreve e lê, sendo tanto narrativa, registro e conhecimento. Cultivando essa arte do encontro (Larrosa *apud* Vieira, 2020), a escrita vira busca e encontro de sentidos, lições e indícios de (per)formação e constituição de processos de autoria” (Vieira, 2020, p.12).

A partir dessa produção coletiva e colaborativa de vivências, construiu-se forte perspectiva questionadora, crítica e dialógica, representando também as microrrelações sociais (Vieira, 2020, p.18). Uma vez que essas “cartas-relatos” reverberam o sistema social coletivo, pelo incentivo de perspectivas individuais, “podemos conhecer o social partindo de uma especificidade irreduzível de uma práxis individual” (Vieira, 2021, p.10). Com isso, explicita-se a centralidade da carta como ferramenta em diálogo com a pandemia viral, uma vez que “a doença é ao mesmo tempo a mais individual e a mais social das coisas, e que ela pertence simultaneamente ao domínio privado e ao espaço público” (Herzlich, 2004, p.1).

Desse modo, é pelo exercício pandêmico de escrita autoral do íntimo e de tecer, pelo espaço-suporte epistolar, que se buscam sentidos e se constroem identidades e consciências históricas de si mesmos, pelos dizeres “escreve, se inscreve, escreve-se, escrevê-se” (Vieira, 2020, p.113).

Resultados, discussões e ramificações das correspondências

O que os autores anônimos teriam, então, a dizer? Ao trabalhar o acervo das cartas, a equipe identificou algumas questões, percebendo teores distintos entre as correspondências de 2020 e de 2021.

No ano inaugural da pandemia no Brasil (2020), foi expresso e transbordado grande peso afetivo, prevalecendo aspectos como insegurança, medo, dor, raiva, sentimento de injustiça, cansaço, desespero e saudosismo ao passado. Vale destacar que, nesse momento de incertezas e readaptações contínuas, ainda não havia (perspectiva de) vacina no país. Além disso, foi um ano fortemente marcado pelas *fake news*, o que levou a muitos escritores espontaneamente sugerirem, entre si, materiais de entretenimento e estudo, a fim de amparar o outro além da escuta, combatendo as desinformações. Ainda sobre esse ano, é válido mencionar que as cartas tinham tamanho relativamente grande, variando entre cerca de 1 e 4 páginas.

Já em 2021, porém, são identificadas mudanças no padrão verificado, uma vez que alguns autores já recebiam ou estavam prestes a receber a primeira dose da vacina, motivo de muito orgulho e alívio: foi uma das nossas primeiras vitórias. Com isso, o teor das cartas se diversificou, trazendo também aspectos de esperança, superação, modos de lidar com o isolamento e a pandemia, o retorno de algumas atividades fora de casa etc.: era um momento de mudança, de adentrar em melhores dias.

Paradoxalmente, por outro lado, percebeu-se a questão cada vez maior da deficiência e sobrecarga da saúde mental nesse momento: muitas pessoas relatavam ansiedade e depressão, necessitando de acompanhamentos psicoterápicos e médicos e atividades de bem-estar.

A condição geral desses últimos meses, olhando para as semanas sombrias da emergência mais profunda, os hospitais lotados, os cemitérios cheios de caixões, sem um mínimo de perspectiva, parece-me que podemos resumir dizendo que todos estamos famintos por ar. Não apenas pelas implicações clínicas dessa doença desconhecida e complexa, não apenas por aqueles a quem o vírus literalmente tirou o ar dos pulmões. É como se, de repente, incluindo aqueles que tiveram a sorte de permanecer saudáveis, tivéssemos nos sentindo, de certo modo, prendendo a respiração. E estamos com fome de ar. Prendemos a respiração com medo. [...] Prendemos a respiração para não lutar. [...] Como se nossas vidas tivessem sido colocadas em espera. Mas este é um engano muito perigoso. [...] Porque o maior erro, antes de morrer, seria esquecer de viver. (A.P.T.S., 2020)

A.P.T.S., em seu relato sufocado, denuncia a realidade de 2020: a aproximação pandêmica com a morte. Pela denúncia de “os hospitais lotados, os cemitérios cheios de caixões, sem um mínimo de perspectiva”, evidencia-se que, no Brasil, algumas vidas eram consideradas mais “enlutáveis” que outras, conceito de Judith Butler (2021).

Segundo ela, algumas existências são dignas de serem cuidadas e sofrerem pesares, enquanto outras são negligenciadas e invisíveis, abandonadas por possíveis auxílios sociais. A vida não enlutável é aquela que, mesmo respirando, chegou ao fim, não tem futuro digno, é jogada em valas de corpos contaminados. Isso se corrobora, sobretudo, com as diferentes realidades sindêmicas: os corpos não enlutáveis são os esquecidos, os pobres, os periféricos, os negros (Evangalista, 2023).

A soberania necropolítica opera pela criação de condições de “aceitabilidade” do fazer morrer (MBEMBE, 2016), sobretudo por falas como “não adianta fugir da realidade”, “é o destino de todo mundo”, “vamos enfrentar o vírus com a realidade”, expressas pelo então presidente Jair Bolsonaro. Com a proclamação dessas afirmações, consolidava-se cada vez mais uma desresponsabilização governamental e a desrealização da especificidade da morte, como se os falecimentos por Covid-19 independessem “das escolhas políticas, das conjunturas sociais, das medidas sanitárias impostas” (Franco, 2021, p. 138).

Por meio da naturalização dessas centenas de milhares de mortes, inelutáveis, como foi impactada a saúde mental dos que viveram esse período histórico? Como aponta a Organização Mundial de Saúde, houve um crescimento de mais de 25% na prevalência global de transtornos mentais: somente em 2020, 53 milhões de pessoas desenvolveram depressão e 76 milhões de pessoas desenvolveram ansiedade (OPAS/OMS, 2022).

No caso dos profissionais de saúde da linha de frente, esse adoecimento ainda ganha a especificidade da “traumatização vicária ou secundária”: uma vez psicologicamente destreinados a lidar com emergências de saúde como a crise pandêmica, não apenas pelas angústias e medos, mas também pelas condições e afetações de seus pacientes, colegas de trabalho e familiares adoecidos (Schmidt, 2020; *apud* The Lancet, 2020). A partir dessa conjuntura, não são raros relatos como “eu bem sei o que sente ao sair para o supermercado, para a rua... sempre aquela sensação de poder ter sido contaminado...” (CDF, 2020).

Paralelamente às precariedades governamentais, no que se refere às políticas sanitárias e de saúde mental, prevaleceu, no país, a imposição do combate à crise econômica, diante das paralisações globais de muitos trabalhos presenciais, em respeito ao isolamento social, como forma de contingência à circulação do vírus. Com isso, eram frequentes os discursos de banalização da Covid-19, priorizando, acima da saúde e do bem-estar da população, a manutenção das atividades econômicas: “se a economia afundar, afunda o Brasil” (Bolsonaro *apud* Folha de São Paulo, 2020).

Em função disso, a promoção do trabalho e do ensino remotos extinguiu os limites entre espaço de trabalho (a empresa, o escritório) e espaço de lazer e moradia: tudo passou a ocorrer, unicamente, em casa, junto às famílias completas, sem condições de manter esse novo estilo de vida. Por meio dessa exigência, não situada nos diversos contextos sindêmicos e processuais dos brasileiros, que muitas vezes não possuíam infraestrutura ou condição financeira para adaptar a própria moradia em um novo local de trabalho, foram constantes os relatos de sobrecarga e de Síndrome de Burnout⁶.

O *home office* está sendo um purgatório. O sistema não dá conta de todos os VPNs que é um acesso para trabalho remoto. Por várias vezes ao dia o sistema fica indisponível. A quantidade de trabalho até aumentou após a pandemia e as metas de produtividade também. Somos cobrados em *WhatsApp*, aplicativo *teams*, ligações telefônicas tanto no celular como no remoto e e-mail. [...] A sobrecarga de trabalho está insuportável. [...] Estive de licença por estresse durante uma semana, não estou conseguindo dormir. Nem com remédios. [...] Não é só eu que estou nessa situação. Tem vários colegas assim. Temo pelo futuro do meu emprego, já não tenho saúde pra estudar pra outro concurso. [...] Observa-se que no *home office* a responsabilidade é só do funcionário. É uma tendência mundial, é bom para as empresas, mas nem tanto, ou um tanto quanto prejudicial ao trabalhador. Isso me preocupa muito. No geral serão vários cargos extintos, vários setores fechados, aumentará o desemprego. (A.M., 2020)

Diante de tamanho mal-estar, diretamente relacionado à produtividade, infelizmente são frequentes os casos de “desindividuação”, tal como conceitua Lazzarato (2014): por causa de tantas produções estruturais de crises - sanitária, econômica, de saúde mental -, desterritorializa-se e aliena-se o sujeito, constantemente bombardeado por notícias e (des)informações. Por meio da desresponsabilização governamental e da consequente responsabilização e individualização do cidadão, este é transformado em “homem endividado”, “servo maquínico”, nunca suficiente nas demandas. Trata-se de uma pessoa perdida de si própria, sem perspectiva, sem potência, sem crer em si mesma. Tamanha desumanização em massa, infelizmente, é constante nas cartas recebidas: D.S.J. escreve, em 2021, que “Não sei o que falar porque muita é realidade sem resposta.”. Ademais, outras pessoas dizem: A minha vida, da minha família e dos meus amigos aqui virou um pesadelo de medo, angústia, tristeza, muitas perdas, sensação mais horrível. Eu que era acostumada a abraçar minha mãe, meus filhos, meus amigos, senti como se eu não existisse (L.S., 2021).

Me perdi dentro de mim,
porque eu era labirinto
e agora quando me sinto
é com saudades de mim. (F.P., 2021)

“Mente são, corpo são”. Se a subjetividade mental se encontrava tão precarizada nos anos de 2020 e de 2021, como se presentificava a saúde física das pessoas? São incontáveis as consequências corporais surgidas e intensificadas pela pandemia, como se evidencia, também, pelo surgimento de mais um diagnóstico: o de Longa Covid. Trata-se da possibilidade de persistência de sintomas a longo prazo após a infecção do vírus, como fadiga, falta de ar, dores, tosse e recorrentes, esquecimento, transtornos mentais etc. (Pfizer, 2022).

⁶ Trata-se de “distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade.” (Brasil, 2023).

Para ilustrar outros exemplos dos diálogos entre subjetividade e corporeidade, S.S.C. relata em 2021 que “Sinto falta de me cuidar mais, como você disse, meditar, me alongar, desligar a cabeça por um momento, me ouvir... Estou tão sedentária que envelheci muitos anos nesses tempos.”, enquanto L.D. registra, em 2021, que “tenho me sentido profundamente triste e engajado no consumo excessivo de bebidas alcoólicas”. Outros relatam:

Tive que reconhecer o corpo, arranjar a cremação... o pior, sem a possibilidade de rito de passagem, da minha tia ser colocada num saco preto lacrado, sem direito a velório, roupa, flores. Não deixei um dia de trabalhar, mas a cobrança de eu estar com uma cara péssima, sem maquiagem, apática, veio rapidamente do meu gestor [...] passei a não dormir mais sem remédio, comecei a tomar antidepressivos, pois como responsável exclusiva pelo sustento da minha casa, não podia perder o emprego. Bati todas as metas, minha equipe unida, trabalhando absurdamente [...] Perdi familiares, perdi o emprego que mantém o meu sustento e da minha filha, desenvolvi problemas psiquiátricos de ansiedade, stress, depressão... isso o meu “mundinho”, sem contar com o que está acontecendo ao nosso redor... mortes desnecessárias, desemprego, fome, problemas de saúde mental, problemas políticos com este desgoverno... Tem dias que não me levanto da cama, não tenho esperança, só choro e não vejo motivos para continuar lutando (F.S.B., 2021).

O tempo foi passando e o desespero batendo, desde pequena tive ansiedade, que foi acentuada com a pandemia. Adquiri depressão porque nunca tive um convívio muito bom e saudável com a minha mãe [...] e meu cabelo começou a cair vagarosamente. [...] Meus cabelos estão começando a ficar ralos e eu cheguei num ponto que nem me importo muito mais. (C.V.G.T., 2021).

Recebendo relatos impactantes como esses, de denúncia de adoecimento, como os correspondentes solidários reagem às cartas pandêmicas? Segundo a autora R.T.L., o abraço virtual por meio de cartas se entende como parte das “medidas terapêuticas” (2021), que, enquanto consolos, acolhem os afetos dos outros escritores. Como, assim, pensar o cuidado em dinâmicas como essa? C.R., por exemplo, diante de tantas faltas estruturais, em meio ao desmantelamento tanto do Sistema Único de Saúde (SUS) quanto das subjetividades, em 2020, escreve: “Eu indago: a saúde não é um direito constitucional?”.

A partir disso, é necessário compreender o projeto Cartas da Pandemia como uma rede de medidas terapêuticas, em consonância aos dizeres de P.A., em 2020: “Cuidar de si nesse momento é um ato político, pois expressa cuidado com o coletivo, com as pessoas à nossa volta.”.

Para tanto, é mister perceber que essa rede de construção afetiva e relacional se dá, sobretudo, pelas escrevivências, conceito de Conceição Evaristo, que formula a escrita da própria experiência enquanto ato político de defesa de direitos e de formação. Em sua concepção primária, o conceito -experiência é aplicado para pensar e exercitar a escrita das mulheres negras, a fim de potencializar o corpo-voz dessas pessoas marcadas pelo passado e presente escravista e sexista brasileiros, como modo de emancipação e retomada de poder das subjetividades negras: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p.11).

Nas correspondências, há diversos relatos de mulheres negras, que aplicam, rigorosamente, essa definição das escrevivências. Por meio das suas cartas respostas e de outras trocas de cartas, é visível, porém, que aqui o conceito extrapola a sua definição original, abrangendo, em essência, outras escritas: a escrevivência trata da escrita de insubordinação, da necessidade de apreensão de um

mundo que constantemente escapa. Consideramos, assim, as escrevivências como força motriz das cartas, ligante de um pacto escrevivencial de leitura, de uma coletânea de escritos em rede comprometida com o existir, o ser e o estar em tempos pandêmicos, afinal,

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. (Evaristo, 2020, p.36)

Considera-se a escrita como resistência que, apesar das dificuldades, emerge como medidas terapêuticas comuns aos relatos da religião, da psicoterapia e da medicalização enquanto formas de autocuidado. R.F. escreve, em 2021, que “Sigo cada vez mais procurando buscar alento na espiritualidade, que sempre me auxilia e me inspira em todos os momentos.”, e V.B.M. expressa, em 2021, que “Esse período de isolamento da pandemia parece ter trazido à tona demônios adormecidos. Hoje me vejo, além de acompanhada de psicóloga, com acompanhamento psiquiátrico e fazendo uso de 4 medicações.” Como um último exemplo de medida terapêutica, R.M. proclama, em 2020: “Acredite na educação como uma forma de emancipação e de mobilidade social, de ascensão mesmo. [...] Não pare de estudar, haja o que houver”.

É perceptível, assim, que as trocas de correspondências escrevíveis constituem, em 2020 e 2021, uma forte rede de apoio, coexistência e ressignificação de um momento severamente individualizado pela quarentena, pela máscara e pela naturalização de mortes inelutáveis. Já a partir de 2022, quando a equipe do projeto se debruça e analisa as cartas recebidas, percebe-se um segundo pilar que sustenta a ação de extensão: o objetivo de construção e constituição de uma memória social viva, a partir do potencial político dos relatos como documentação micro e macropolítica de como a pandemia se deu no Brasil. Assim, o conteúdo escrevivencial perturba os relatos oficiais e meramente estatísticos dessa história, que muitas vezes desconsidera as sindemias e as pluralidades. Trata-se de escrever “sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever” (Evaristo, 2020, p. 36).

Esses registros discrepam da naturalização dos processos necropolíticos e do descarte da enlutabilidade, projetando a construção de uma consciência histórica de si - a criação do eu é uma arte narrativa (Bruner *apud* Vieira, 2020) - e do outro, afinal, “as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” (Adichie, 2019, p.16).

Conclusões

Choro ao lhe escrever. Um choro bom. Humano. Como se lhe conhecesse. E me sinto, assim, também num movimento de me confortar. De entrar em contato com o que profundamente sinto. Feliz por poder elaborar esse turbilhão, que irá passar. E que nos fará estar juntos, no dia em que a sombra ser iluminada, pela rajada do sol. Quando o caminho do comum, nos iluminar.” (E.P.S., 2020)

O projeto Cartas da Pandemia buscou consolidar um aparato de memória a partir da expressão de dores, sofrimentos, angústias, expectativas, medos, desamparos, raivas, amores, esperanças e saudades suspensas nesse período atemporal de passado, presente e futuro que o gênero carta pode favorecer. Tratou-se de proporcionar entre os correspondentes o exercício de ouvir a si mesmo no outro, desconhecido, em um momento já vivido, mas com ressonâncias intrinsecamente humanas. É evidente a potência do projeto enquanto construção em rede de afeto e de memória social viva pela parceria “sonha daí que eu sonho daqui, combinado?!” (C.P.M., 2021), que amplifica as múltiplas vozes que experienciaram os inauditos anos pandêmicos.

O conjunto de cartas trocadas em 2020 e 2021 no contexto dos cursos virtuais oferecidos pelo movimento social de educação popular Rede Emancipa, em união com universidades, exprime o caráter de vulnerabilidade presente na humanidade inscrita sobre um conjunto de cidadãos brasileiros. Os correspondentes reagiram, em seus isolamentos possíveis ou não, ao esquecimento, à desinformação, à necropolítica por meio do relato de si. O projeto catalogou e registrou, assim, a pluralidade, a diversidade e a adversidade a um só tempo individuais e sociais, permitindo mapear como os aspectos sanitários, políticos, econômicos, sociais e culturais atravessam a experiência da pandemia no Brasil. Ao contribuir para a construção de uma memória viva, o projeto tornou as escrevivências recuperáveis no futuro e partes de uma totalidade histórica.

A troca de correspondência na forma anônima favoreceu a participação de um número considerável de pessoas, uma vez que proporcionou uma abertura de intimidade eximida de exposição pessoal. Não foram coletadas informações detalhadas sobre os correspondentes, de modo que os dados de perfil se limitaram àqueles passíveis de serem captados pelo conteúdo das cartas. Ademais desses dados, pode-se supor que os correspondentes reflitam o universo de alunos inscritos no curso sobre a temática de saúde e educação popular. Conforme dados do Emancipa, o conjunto de cursistas englobava principalmente mulheres, mas também incluía, em menor medida, homens; muitos profissionais da educação e da saúde (professores, enfermeiros, médicos, psicólogos etc.); militantes e ativistas, principalmente da educação popular e de políticas sanitárias; pessoas de camadas populares e classes médias; alfabetizados e com ensino superior. Desse modo, se por um lado o formato anônimo favoreceu a maior participação e expressão de conteúdo íntimo, por outro, dificultou a obtenção de dados objetivos e precisos quanto ao perfil e à diversidade social e regional.

Por último, o projeto apresenta um caráter experimental a ser aprimorado em outras circunstâncias, tendo sido capaz de servir como recurso coletivo ou social para correspondentes e leitores na busca de compensar a falta de sociabilidade, sociabilidade essa inerente à constituição do indivíduo, muito mais em tempos críticos. Por meio desse projeto, ficou evidente que as cartas se converteram em instrumento de apoio e reflexão para constituição de trajetórias de vida. Como escreveu um/uma correspondente: “Aqui despeço-me, deixo contigo a palavra esperar sempre.” (M.P., 2020).

Agradecimentos

O projeto de extensão Cartas da Pandemia foi tecido por diversas mãos, olhares e afetações. Por isso, é necessário agradecer àqueles que contribuíram para a execução do projeto: além das autoras deste texto, agradecimentos também à professora e pesquisadora Juliana Vieira, que com a professora Daniela Mussi iniciou o projeto, bem como a Rede Emancipa de Educação Popular. Ao professor Gustavo Oliveira, ao projeto Informa SUS-UFSCAR e à professora colaboradora Carminha Carpin-téro. A toda a equipe de voluntários e extensionistas: Bianca França, Brenda Emanuely de Campos Ferreira, Débora Linck, Eliana G. Silva, Gabriela Cunha, Gabriela Orichio Mello Pinheiro de Farias, Gustavo Oliveira, Giovanna Ferreira da Silva, Indiara Carvalho dos Santos, Isabella Correia Ferreira dos Santos, Jackeline Novaes dos Santos, Jéssica Maria Saldaña Neves, Julia Barcelos Bittencourt, Julia de Souza Paresque, Julia Gatto de Lira, Karina Ribeiro, Karolina Cardoso Dias, Luisa Feliciano, Maria Eduarda Rodrigues de Oliveira, Marcella Teixeira Toledo, Nina Fontes Gomes, Nina Varella Avila, Pollyana das Neves Reis, Sara Isa Leandro da Silva, Sofia Selpis Castilho, Ubimara Ding, Vitória Gomes, Viviane Tavares Leite Moreno; aos extensionistas bolsistas Denis Carvalho e Thayna Aguiar. Agradecemos também as contribuições do professor Thiago Melicio; e sobretudo, aos nossos correspondentes anônimos, que construíram as trocas “escrevivenciais” durante os anos pandêmicos de 2020 e de 2021.

Referências

- ADICHIE, C. N. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.
- BRASIL. Lei no 6.683, de 28 de agosto de 1979. Concede anistia e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 ago. 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm#:~:text=1%C2%BA%20%C3%89%20concedida%20anistia%20a,de%20funda%C3%A7%C3%B5es%20vinculadas%20ao%20poder. Acesso em: 12 out. 2023.
- BUTLER, J. **A força da não violência**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php>. Acesso em: 12 out. 2023.
- CONGRESSO discute retaliação após conduta de Bolsonaro e ligação de isolamento a golpe. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/congresso-discute-retaliacao-apos-conduta-de-bolsonaro-e-ligacao-de-isolamento-a-golpe.shtml>. Acesso em: 3 ago. 2023.
- CURSO aberto e gratuito sobre Saúde Coletiva e Periferias reúne movimentos sociais, educadores populares e mais de 20 universidades. **Informasus UFSCAR**, 2021. Disponível em: <https://informasus.ufscar.br/curso-aberto-e-gratuito-sobre-saude-coletiva-e-periferias-reune-movimentos-sociais-educadores-populares-e-mais-de-20-universidades/>. Acesso em: 12 out. 2023.
- UERJ. Diretoria de Comunicação da UERJ. Uerj oferece curso gratuito sobre a crise da Covid-19 a partir da experiência das periferias. UERJ, 2020. Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/uerj-oferece-curso-gratuito-sobre-a-crise-da-covid-19-a-partir-da-experiencia-das-periferias/>. Acesso em: 31 jul. 2023.
- DUARTE, C. L.; NUNES, I.R. **Escrevivência**: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora MINA, 2020.

EVANGELISTA, A. P. Negros são os que mais morrem por Covid-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil> . Acesso em: abril 2023.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I.R. **Escrivivência**: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora MINA, 2020.

FRANCO, F. L. *Post-scriptum*: Estratégias negrogovernamentais do governo federal para a gestão da pandemia no Brasil. In: FRANCO, F. L. **Governar os mortos**: necropolíticas, desaparecimento e subjetividade. São Paulo: Ubu Editora, 2021, p.135-149.

HERZLICH, C. Saúde e doença no início do século XXI: entre a experiência privada e a esfera pública. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.383-394, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/NkL53NvwfV64hdCPk53wGNN/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 12 set. 2024.

JÚNIOR, J. P. B.; SANTOS, D. B. COVID-19 como sindemia: modelo teórico e fundamentos para a abordagem abrangente em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.37, n.10, e00119021, 2021. Disponível em: <https://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1534/covid-19-como-sindemia-modelo-teorico-e-fundamentos-para-a-abordagem-abrangente-em-saude#:~:text=Adotou%2Dse%20o%20conceito%20de,e%20epidemias%20causais%20em%20s%C3%A9rie> . Acesso em: 3 abr. 2023.

LAZZARATO, M. **Signos, máquinas e subjetividades**. Produção de subjetividade e ruptura (política). São Paulo: Edições Sesc São Paulo: n-1 edições, 2014. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1Ok-fQ4ZTNqZ_AqDfOL-r_TryKz52Wtm. Acesso em: 17 jul. 2023.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dezembro 2016. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf> . Acesso em: 21 maio 2023.

MORAES, M. M. Governo Bolsonaro, um Governo Fundado em Fake News? **Revista da APG**, São Paulo, v. 1, n. 1, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apg/article/view/58843> . Acesso em: 12 out. 2023.

MOTTA, A. Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga: os 4 ministros da Saúde da pandemia. **UOL**, 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm#:~:text=Mandetta%2C%20Teich%2C%20Pazuello%20e%20Queiroga,ministros%20da%20Sa%C3%BAde%20da%20pandemia&text=Com%20a%20nomea%C3%A7%C3%A3o%20de%20Marcelo,desde%20o%20in%C3%ADcio%20da%20pandemia> . Acesso em: 8 jan. 2024.

MUSSI, D.; CARVALHO, D.; MOREIRA, L.O. **Cartas da Pandemia**. Disponível em: <http://www.cartas-dapandemia.com.br/> . Acesso em: 26 abr. 2023.

O QUE é Covid longa e quais os efeitos dela? **Pfizer**, 21 set. 2022. Disponível em: <https://www.pfizer.com.br/noticias/ultimas-noticias/covid-longa> . Acesso em: 3 ago. 2023.

O QUE não podemos esquecer? Usos e abusos da memória. Rio de Janeiro, Ciclo de Humanidades 2023: Escritório do Livro & BiblioMaison. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ioGOCuiAAco> . Acesso em: 22 jul. 2023.

PANDEMIA de Covid-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. **OPAS**, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em> . Acesso em: 3 ago. 2023.

SAMPAIO, L. Ranking da Covid: como o Brasil se compara a outros países em mortes, casos e vacinas aplicadas. **g1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/29/ranking-da-covid-como-o-brasil-se-compara-a-outros-paises-em-mortes-casos-e-vacinas-aplicadas.ghtml> . Acesso em: 28 nov. 2023.

SCHMIDT, B. *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.37, e200063. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQn-g/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 3 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Síndrome de Burnout**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout>. Acesso em: 11 jan. 2024.

TELES, E. Memória, ditadura e desaparecimento - O congelamento dos processos de subjetivação. *Revista Limiar*, vol.7, n.14, 2020, p.278 - 294. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/limiar/article/view/11471> . Acesso em: 2 ago. 2023.

VIEIRA, J.; BRAGANÇA, I. F. S. *Pesquisa* formação narrativa (auto)biográfica e a escrita de cartas como modo de dizer-ser. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 6, p. 01-17, 2020. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/486> . Acesso em: 26 maio 2022.

VIEIRA, J. Cartas da Pandemia: experiências de escuta, partilha e (per)formação para uma escola-outra. Tese (Pós-Graduação em Educação) - Centro de Ciências Humanas e Biológicas (CCHB), Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 2021.

VIEIRA, J. Narrativas do cotidiano (per)formativo: a escrita de cartas como modo de dizer-ser. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Escolar) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2020. Disponível em: https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UNI-CAMP-30_a868204577f1f6e71c4322555ed522e5 . Acesso em: abril 2023.